
ENTREVISTA COM A PROF^a DRA. CLAUDIA SCHEMES: REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA E GÊNERO

DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2017.1.27429>

Julia Tainá Monticeli Rocha^{*}
Cláudia Gisele Masiero^{**}

Claudia Schemes é uma historiadora compromissada com a pesquisa. Não descuida do rigor acadêmico, fundamental na construção do conhecimento histórico, e é versátil, pois seus temas trazem inovação e buscam aproximação com outras áreas, valorizando a interdisciplinaridade.

Graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), é mestra em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente é professora na Universidade Feevale, onde atua nos cursos de Graduação em História e Design de Interiores e no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais.

Além de possuir diversos artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais e de contribuir em várias obras com a escrita de capítulos, é autora dos livros *Festas Cívicas e Esportivas: Um estudo comparativo entre os governos Vargas e Perón* (Ed. Feevale, 2005) e *Memória do Setor Coureiro-Calçadista: Pioneiros e Empreendedores do Vale do Rio dos Sinos* (Ed. Feevale, 2003), entre outros.

Gênero, envelhecimento, identidade e moda são temas presentes em seus projetos de pesquisas e nas inúmeras orientações de trabalho realizadas. O seu olhar para essas questões, tão presentes em sua trajetória de pesquisa, estão refletidas na entrevista concedida à Revista Oficina do Historiador. As colocações da professora Claudia Schemes, feitas a seguir, são fundamentais para a proposta do dossiê de História e Gênero, publicadas nesta edição. Suas reflexões, por exemplo, nos levam a compreender o curso dos estudos de gênero no campo historiográfico e a importância de uma visão mais ampla para as análises, que se tornam mais fecundas quando complementadas por outros campos.

Assim, nas páginas que se sucedem, temos um rico material.

Boa leitura!

^{*} Mestranda em História do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.

^{**} Doutoranda em História do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.

Questão 1 - Os estudos de gênero são cada vez mais importantes nos dias atuais. Como foi a sua trajetória acadêmica até o encontro com esse tema de pesquisa?

Claudia Schemes: Minha formação é toda na área de História - graduação, mestrado e doutorado. Assim, há alguns anos, fui convidada a organizar a disciplina de História da Moda Brasileira no curso de Moda da Universidade Feevale. Essa atividade me mostrou que os estudos históricos de moda, no país, eram bastante escassos, o que me motivou a continuar pesquisando e estudando este assunto. Com a criação do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais, na mesma universidade, e um ingresso bastante significativo de alunos com formação em Moda no curso, percebi que seria interessante desenvolver um projeto de pesquisa que relacionasse os conceitos moda, cultura e gênero feminino.

Em função disso, assumi, juntamente com uma colega da área da Comunicação, o componente curricular intitulado Estudos de Gênero nas Manifestações Culturais, que tem como objetivo discutir o conceito de gênero, relacionando-o a diferentes momentos históricos, além de identificar as transformações das relações de gênero ao longo da história, caracterizando a presença de mulheres em textos midiáticos, históricos e literários.

Ao me envolver com a temática gênero feminino, observei que havia uma carência muito grande de investigações acerca de mulheres com mais de 60 anos. Em função disso, desenvolvi dois projetos de pesquisa que envolvem moda, cultura, ergonomia, conforto e gênero feminino: “A vestimenta feminina e os diferentes olhares da mulher madura: moda, cultura e identidade” e “Moda, conforto e inovação no vestuário de mulheres idosas”.

A partir dessa trajetória, os estudos de gênero passaram a fazer parte das minhas pesquisas.

Questão 2 - Seria possível traçar, no campo historiográfico, um balanço da trajetória dos estudos de gênero?

Claudia Schemes: Os estudos de gênero estão intimamente relacionados à história das mulheres e do feminismo. É muito difícil discutirmos uma temática desvinculada das outras, entretanto, a partir de alguns estudos sobre a historiografia das mulheres, podemos traçar alguns de seus marcos.

As mulheres nem sempre estiveram em pauta na historiografia. No século XIX, por exemplo, os positivistas tinham seu interesse voltado para a história política, privilegiando principalmente os documentos administrativos e militares, nos quais as mulheres pouco apareciam. Já os marxistas, nesse mesmo século, consideravam menos importantes as diferenças entre homens e mulheres, pois acreditavam que, com a implantação de uma sociedade socialista, essas distinções desapareceriam.

Já no século XX, nos anos 1940/1950, a mulher começou a receber atenção, entretanto, predominava a sua imagem como vítima ou rebelde. Nessa época, ela ainda era vista de forma marginal, sujeitando-se ao protagonismo masculino. Os marxistas revisionistas dos anos 1960 começaram a estudar as mulheres do povo, visto que eles estavam engajados nas lutas sociais; nos anos 1970, com o advento da Escola dos Annales e a busca dos sujeitos na história, as mulheres são incorporadas pela historiografia e, nos anos 1970 e 1980, a História Cultural passou a abordar as questões das mulheres de forma interdisciplinar. Não podemos esquecer que o movimento feminista mundial dos anos 1970 foi fundamental para colocar em pauta a história das mulheres, mas foi apenas nos anos 1980 que essa temática passou a ser incorporada mais efetivamente pela historiografia.

Questão 3 - Como pesquisadora da Cultura, qual a importância de estudos com essa abordagem para o entendimento da construção/relações de gênero?

Claudia Schemes: O Programa de Pós-graduação, no qual estou inserida, direciona suas pesquisas para os processos e manifestações culturais, dos quais os estudos de gênero fazem parte. Dentro dessa perspectiva, a abordagem cultural e interdisciplinar é fundamental para discuti-los.

A disciplina sobre gênero, na qual trabalho analisa a presença da mulher na Comunicação, através da mídia, na História, na Literatura e nas Artes, áreas que dialogam entre si através de seus conhecimentos específicos. A História, através da reconstrução da trajetória das mulheres no mundo e no Brasil; a Literatura e as Artes, através da produção dos discursos como atos estéticos, e a Comunicação, por meio da análise dos processos comunicativos e sua influência na contemporaneidade.

Dessa forma, percebemos que é de fundamental importância inserir as pesquisas sobre gênero no âmbito da cultura.

Questão 4 - Moda, cultura e identidade estão relacionados em seus estudos atuais sobre a vestimenta feminina e os diferentes olhares da mulher madura. Poderia relatar, de modo geral, quais seriam os principais pontos que não podem deixar de ser abordados em um estudo como esse, que parte das discussões de gênero e se amplifica?

Claudia Schemes: A partir de autores com os quais trabalho, posso afirmar que a moda é uma manifestação cultural e uma das maneiras pelas quais os grupos constroem socialmente sua identidade. A maneira de vestir, então, é uma poderosa forma dos sujeitos se expressarem ao longo da história, e a escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudarmos como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para o seu próprio uso. Além disso, a indumentária pode ser considerada uma das formas mais significativas pelas quais são construídas as relações sociais entre as pessoas, pois o contato visual, através das roupas, pode causar identificação ou estranhamento.

Portanto, as pesquisas sobre mulheres maduras não podem prescindir de uma discussão teórica acerca da moda, importante manifestação cultural, e das relações identitárias que se estabelecem a partir dela.

Questão 5 - Outro interessante projeto de pesquisa que você vem desenvolvendo trata da moda e do perfil das mulheres idosas na atualidade. Um dos objetivos citados é desenvolver uma coleção de moda para esse grupo social. De um modo geral, como está sendo essa experiência?

Claudia Schemes: Esta experiência está sendo muito gratificante, pois este público é praticamente desconsiderado pelo mercado de moda. Os profissionais desta área estão muito mais preocupados em desenvolver coleções para mulheres jovens, magras, ativas – padrão feminino que a mídia veicula – do que para mulheres com mais idade. Observo isso nas coleções apresentadas nos desfiles dos formandos dos cursos de Moda de várias universidades, que, em sua grande maioria, desconsidera as mulheres com mais de 65 anos. E o envelhecimento da sociedade é um fato que não pode mais ser desconsiderado por esta indústria.

Em minhas pesquisas percebo que as mulheres, quando atingem determinada idade, têm interesses distintos em relação à modelagem e qualidade das roupas, o que não significa que elas queiram ter espaços destinados a “idosas” nas lojas, mas querem se ver representadas em suas preferências.

A coleção que pretendemos desenvolver – eu e meus parceiros de projeto – visa atender a este público, que quer uma roupa confortável, que não se importa em pagar mais por um tecido com alguma tecnologia agregada, por exemplo, mas que tenha informação de moda e que fuja do estereótipo da “roupa de vó”.

Questão 6 - Pesquisas e estudos de gênero, além de se justificarem por si como importante campo de pesquisa, poderiam ter um reflexo maior na sociedade, assim como o faz o projeto de pesquisa citado anteriormente. Pensando em possibilitar um melhor entendimento das questões de gênero, de que outras formas essas pesquisas poderiam contribuir socialmente?

Claudia Schemes: As discussões de gênero vêm sendo feitas pelas Ciências Humanas há vários anos, mas percebo que ultimamente elas foram redescobertas por um público mais abrangente. Podemos observar que nos últimos anos as publicações sobre feminismo, história das mulheres e gênero aumentaram muito. Recentemente a Folha de São Paulo informou, por exemplo, que a editora que publica os livros da filósofa Simone de Beauvoir vendeu, em três anos, 35% mais do que na década anterior inteira e, segundo o jornal, o feminismo já é percebido como um produto importante no mercado. Estes dados são bastante sintomáticos de uma realidade que colocou em pauta as discussões sobre gênero feminino e que apresentam como consequência mais imediata reflexões que eram pouco realizadas até a alguns anos.

Estas pesquisas também são fundamentais para se discutir a desnaturalização dos papéis de gênero e a valorização do feminino, questões que contribuem enormemente para se repensar a realidade contemporânea.

Questão 7 - As abordagens das questões de gênero na maturidade encontram um terreno bastante fecundo, como evidenciado em suas pesquisas. Como você percebe isso na etapa de formação do sujeito, partindo do seu conhecimento sobre a história da infância, que é, também, aprofundado? Quais novos direcionamentos poderiam ser dados às pesquisas que envolvem essa temática?

Claudia Schemes: A identidade de gênero é subjetiva, sendo moldada culturalmente desde o nosso nascimento. Na nossa sociedade, a oposição binária masculino/feminino ainda é determinante. Dessa forma, assim que o sexo biológico da criança é conhecido, automaticamente são esperados comportamentos condizentes a ele.

Eu venho estudando há alguns anos a moda infantil e, nesse segmento, estas questões ficam muito nítidas. Publiquei um artigo com duas outras autoras no qual mostramos como as designações de gênero estão presentes na moda para bebês e de que forma as categorizações masculino/feminino seguem uma normatização e são aceitas, pela maioria das pessoas, de forma natural. Segundo o artigo, é possível afirmar que a construção de padrões, ou seja, do que seria aceitável ou não para determinado sexo, é uma forma de dominação. As escolhas que as pessoas fazem muitas vezes acabam sendo as mesmas das de seus pais, pois tais papéis foram passados desde o nascimento, e a criança entende suas escolhas como sendo naturais. Aqueles que fugirem das regras e padrões impostos pela sociedade e fizerem escolhas diferentes das hegemonicamente estabelecidas, como, por exemplo, uma menina que opta por vestir-se com roupas de aparência masculinizada, ou um menino que gosta de brincar ou vestir roupas que socialmente e culturalmente são determinadas às meninas, possivelmente serão apontados como sendo anormais, com desvios psicológicos e de conflitos de identidade.

Este exemplo relacionado à moda pode ser estendido a outras áreas nas quais é possível perceber estes direcionamentos em relação às questões de gênero e que, na minha opinião, merecem reflexões mais aprofundadas.

Questão 8 - Atualmente, é cada vez mais comum encontrarmos discussões sobre a “ditadura da beleza”. Pelo seu olhar de pesquisadora, como fica a relação da mulher madura com o padrão de beleza estabelecido? Você acredita que há uma desvalorização do corpo da mulher madura?

Claudia Schemes: Na nossa sociedade, como vários autores já disseram, o corpo é um capital e as mulheres devem aparentar beleza, que é sinônimo de juventude e magreza. Os efeitos do envelhecimento, nesse contexto, devem ser retardados o máximo possível, sendo que a medicina, a nutrição e as novas tecnologias estão aí para auxiliar nesse processo, o que fica evidente quando pesquisas mostram que as brasileiras, junto com as norte-americanas, são as que mais investem em tratamentos de beleza e cirurgias plásticas.

A mulher só é considerada com “boa aparência” quando consegue disfarçar o envelhecimento. A publicidade, a indústria da moda, dos cosméticos e os consultórios médicos oferecem produtos e soluções que acreditamos estarem ao alcance de todas. Assim, quem não se enquadra nesse modelo se sente culpada.

Simone de Beauvoir já dizia que os velhos recusam a ideia do envelhecimento, pois não querem ver as alterações que ocorrem no seu corpo, e através das roupas, das maquiagens e

dos gestos procuram convencer-se de que escapam à lei comum do envelhecimento, agarrando-se à ideia de que isso só acontece com os outros.

Entretanto, com o fenômeno da “inversão da pirâmide etária”, no qual a população idosa cresce enquanto diminui o número de crianças e adolescentes, observamos que a população mais madura começou a ser mais valorizada. Como exemplo, temos a indústria do turismo, do lazer, da educação e, também, da moda.

Várias marcas de roupas, cosméticos, calçados e alguns estilistas perceberam que este público precisa ser valorizado da maneira mais natural possível, ou seja, expondo seus corpos não tão rígidos, nem tão magros, suas rugas, seus cabelos brancos, etc. Há alguns dias, uma loja norte-americana lançou uma campanha de moda praia com uma modelo de 61 anos; da mesma forma, foi criado, em Nova York, um blog de moda de rua só para pessoas idosas que se vestem das mais variadas formas; estilistas renomados estão utilizando mulheres com mais de 65 anos para suas campanhas. Enfim, o envelhecimento está sendo ressignificado.